

Contra o Genocídio Cultural: Por uma Descolonização da Cultura Brasileira e negra

Against Cultural Genocide: For a Decolonization of Brazilian Culture

Eric Silva do Santos*

*Universidade Estadual do Ceará, UECE, Fortaleza - CE, 60714-903,
e-mail: marco.bonfim@uece.br

Francisco Erik Washington Marques da Silva**

**Universidade Estadual do Ceará, UECE, Fortaleza - CE, 60714-903,
e-mail: francisco.erik@aluno.uece.br

Marco Antonio Lima do Bonfim***

***Universidade Estadual do Ceará, UECE, Fortaleza - CE, 60714-903,
e-mail: marco.bonfim@uece.br

Resumo: O artigo objetiva apresentar o conceito de cultura comum proposto por Williams (2015) para, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais (WILLIAMS, 2015; HALL, 2018), discutir juntamente com Abdias do Nascimento (1978) o processo de embranquecimento, folclorização e fossilização da cultura africana como formas de colonização/genocídio da população negra. Para tanto, este artigo discorre acerca da história do termo “cultura”, que dá origem aos conceitos de cultura comum, popular e elitista dialogando com a contraposição conceitual e suas consequências através de Abdias do Nascimento. O estudo é de caráter bibliográfico por estabelecer o diálogo entre relevantes obras para articular discussões que visam contribuir com uma perspectiva de(s)colonial da cultura brasileira. A partir das discussões estabelecidas e dialogando com Adichie (2019), concluímos que a história e a cultura única são projetos do colonialismo que representam um projeto genocida a serem combatidas. Concluímos que as histórias e culturas plurais são importantes no combate ao genocídio dos povos negros e indígenas, pois são elas que permitem a análise dinâmica das estruturas interacionais, numa perspectiva brasileira de estudos da cultura.

Palavras-chave: Cultura. Colonização. Descolonização.

Abstract: The article aims to present the concept of ordinary culture proposed by Williams (2015) to, from the perspectives of cultural studies, discuss together with Abdias do Nascimento (1978) the process of whitening, folklorization and fossilization of African culture as a form of colonization/genocide. Therefore, this work goes through a brief historical incursion of the term that gives rise to the concepts of ordinary/popular and elitist culture dialoguing with the conceptual opposition and its consequences through Abdias do Nascimento. This is a bibliographical work because it intends to establish the dialogue between relevant works to articulate discussions that aim to contribute to a decolonial perspective of Brazilian culture. From the discussions established, and dialoguing with Adichie, we conclude that a unique history and culture are projects of colonialism that represent a genocidal project to be fought. We also conclude that plural histories and cultures are important in combating the genocide of black and indigenous

communities, because these are the ones that allow the dynamic analysis of interactional structures, from a Brazilian perspective of culture studies.

Keywords: Culture. Colonization. Decolonization.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata do conceito de cultura elaborado pela perspectiva da Teoria Cultural na guisa do intelectual inglês Raymond Williams (2015), e da denúncia da colonização cultural que gerou o embranquecimento, a fossilização e a folclorização da cultura africana-brasileira segundo o intelectual negro Abdias do Nascimento (1978), em sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*, enquanto uma proposta anticolonial da cultura brasileira.

As argumentações que Nascimento (1978) tece sobre cultura são algo ainda pouco comentado e escrito e, nosso objetivo é resgatar a contribuição tão importante que esse intelectual afrodiáspórico fez para a denúncia do colonialismo. Para isso, pretendemos apresentamos, inicialmente, a noção de *cultura comum* dentro da Teoria Cultural, segundo Raymond Williams (2015), em contraposição a *cultura elitizada*, instigando assim, a contestação entre cultura popular e cultura elitizada, que será pontuada mais adiante para que assim seja possível entendermos as complicações do cotidiano em que essa cultura comum é produzida.

Nosso objetivo não é meramente propor um diálogo entre Abdias Nascimento e Raymond Williams, mas situar os debates de cultura numa conjuntura brasileira, demonstrando juntamente com Abdias do Nascimento (1978) o perigo de uma cultura hegemônica/colonial e genocida. Para essa empreitada, a intelectual negra e feminista Chimamanda Ngozi Adichie (2019), com sua discussão sobre “O Perigo de uma História Única”, uma adaptação da primeira palestra proferida pela autora, no TED Talk 2009¹, será relevante em nossas reflexões sobre as consequências de uma cultura/história hegemônica. Ressaltamos que esta obra de Adichie (2019), não aparece no texto com um papel apaziguador ou coadjuvante acerca deste debate, mas de forma incisiva e decisiva.

¹ TED significa Tecnologia, Entretenimento, Design — três grandes áreas de temas que estão moldando coletivamente nosso mundo. Mas uma conferência TED é mais ampla ainda, mostrando pesquisas e ideias importantes de todas as disciplinas e explorando como elas se conectam. O formato é acelerado: mais de 50 palestras ao longo de uma semana, além de reuniões matinais e noturnas. À medida que participam do programa, participantes e palestrantes de campos muito diferentes podem se fertilizar e se inspirar em lugares improváveis.

Deste modo, na guisa desta autora nigeriana traçamos uma relação com as contribuições do sociólogo e pensador humanista peruano, Anibal Quijano (2010) no que se refere ao conceito de colonialidade do poder enquanto um projeto de poder que produz uma cultura/pensamento/ser únicos, e por isso universais, hegemônicos. A colonialidade do poder demonstrada por Quijano (2010) faz com que entendamos como a cultura projetada e construída pelo pensamento colonial se instaura na formação racial/social de um povo, articulando-se assim com o genocídio desse povo, por exemplo, o povo negro africano.

Nesse ínterim, Abdias do Nascimento (1978), surge como um intelectual brasileiro que em nossas considerações denunciou esse projeto de poder dentro de uma perspectiva anticolonial teórica e prática, e de cobrança aos intelectuais brasileiros de apoio aos movimentos anticoloniais africanos. Deste modo, compreendemos Abdias não enquanto um pensador decolonial, mas que se relaciona com esse posicionamento de forma teórica e prática, e que no Brasil abriu os caminhos para que essas discussões pudessem acontecer.

Assim, dividimos esse artigo em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos os conceitos de cultura comum de acordo com o pensador Raymond Williams (1983), para depois adentrarmos no diálogo sobre cultura elitista, comum e popular no Brasil. Na segunda, realizamos discussões acerca destes conceitos de cultura através da perspectiva brasileira e afro-brasileira. Em seguida, na terceira seção, colocamos os conceitos de Abdias do Nascimento (1978) para o debate em diálogo com as considerações de Raymond Williams (2015) e a explanação de suas consequências coloniais/genocidas. Na quarta seção, relacionamos a argumentação de Abdias Nascimento com a palestra/livro de Chimamanda Adichie e as consequências de uma história/cultura única entendendo essas consequências enquanto um projeto de poder relacionado à Colonialidade do poder, segundo Quijano (2010), tecendo, assim, um diálogo necessário entre o pensamento decolonial e sua relação com a produção intelectual de Abdias do Nascimento. E finalmente, concluímos de forma parcial, pois ainda há muito a ser discutido, da urgência de resgatarmos as reflexões do pensamento de Abdias para a cultura e a denúncia da colonização.

CULTURA: A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Mas afinal, que cultura é essa? Para compreender o sentido de cultura elaborado por Williams (1983), em seus estudos culturais, recorreremos ao texto “A cultura é algo comum”. Iniciamos a reflexão com a primeira frase do texto *Culture* para alertar a/ao leitora/or a complexidade que, segundo o próprio Williams (1983), é a concepção de um conceito para o vocábulo *culture*:

Cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas do idioma inglês. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico, em várias línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usado para conceitos importantes em várias disciplinas intelectuais distintas e em vários sistemas de pensamento distintos e incompatíveis²(WILLIAMS, 1983, p. 225, grifo do autor)

A partir daí o autor empreende um percurso etimológico do termo *culture* em inglês e apresenta alguns desdobramentos e implicações desse termo ao longo do texto. Segundo Williams (1983), o termo é oriundo do latim *cultura* que é desdobramento do termo latino *colere* que tem vários significados, dentre eles: habitar, cultivar, proteger e honrar com adoração. O autor ainda nos alerta para o fato de que alguns desses sentidos foram deslocados para outros vocábulos. Logo, “[...]‘habitar’ se desenvolveu através do *colonus*, L para *colony*. ‘Honra com adoração’ se desenvolveu através do *cultus*, L para *cult*. Cultura assumiu o significado principal de cultivo”³ (WILLIAMS, 1983, p. 87, grifo do original). O autor continua

“As formas francesas de *cultura* era *coutura*, do francês antigo, que desde então desenvolveu seu próprio significado especializado, e a cultura posterior, que é do final do século 15 havia passado para o inglês. O significado primário estava então na criação, a tendência de crescimento natural.”⁴ (WILLIAMS, 1983, p. 87, grifo do original).

Williams (1983) permanece sua incursão alertando-nos que em todos os sentidos primários o substantivo foi usado com sentido de processo. Ressaltamos aqui que esse caráter dinâmico e processual apresentado nos primeiros sentidos da palavra “cultura” é pujante em toda obra desse intelectual. No entanto, é o desenvolvimento

² Tradução nossa. Do original: **Culture** is one of the two or three most complicated words in the English language. This is so partly because of its intricate historical development, in several European languages, but mainly because it has now come to be used for important concepts in several distinct intellectual disciplines and in several distinct and incompatible systems of thought.

³ Tradução nossa. Do original: ‘inhabit’ developed through *colonus*, L to *colony*. ‘Honour with worship’ developed through *cultus*, L to *cult*. *Cultura* took on the main meaning of cultivation

⁴ Tradução minha. Do original: The French forms of cultura were *couture*, of, which has since developed its own specialized meaning, and later *culture*, which by eC15 had passed into English. The primary meaning was then in husbandry, the tending of natural growth.

posterior, de caráter metafórico, que mais se adequa à concepção atual. Williams (1983) descreve esse processo da seguinte maneira:

Em vários pontos desse desenvolvimento, duas mudanças cruciais ocorreram: primeiro, um grau de habituação à metáfora, que tornava direto o senso de tendência humana; segundo, uma extensão de processos particulares a um processo geral, que a palavra poderia abstrair. É claro, a partir deste último desenvolvimento, que **cultura** enquanto substantivo independente iniciou sua complicada história moderna, mas o processo de mudança é tão complexo e as latências de significado às vezes são tão próximas que não é possível dar uma data definida. **Cultura**, enquanto substantivo independente, um processo abstrato ou o produto desse processo, não é importante antes do final do século 18 e não é comum antes de meados de século 19. Mas os estágios iniciais desse desenvolvimento não foram repentinos.⁵(WILLIAMS, 1983, p. 225, grifo do autor)

O autor discorre ainda acerca dos caminhos do termo “cultura” em francês e no alemão, em busca da compreensão do amplo sentido da palavra. A essa altura, é do nosso interesse retomar o texto “A cultura é algo comum”, do mesmo autor, para explicitar aqui o que passa a ser cultura. Em contraposição à cultura elitizada, Williams (2015) descreve uma cultura cotidiana, uma cultura produzida através das atividades materiais de um coletivo. Em uma descrição quase que poética, o autor cria imagens que representam o cotidiano do trabalhador inglês no intuito de fazer com que o leitor compreenda as produções materiais que caracterizam a cultura. O autor contrasta aquilo que é assimilado como alta cultura pelos intelectuais do seu período, com o cotidiano do trabalhador construindo assim uma visão materialista cultural. A saber, Williams foi um intelectual que figurou na segunda metade do século 20, um perspicaz observador da cultura cotidiana em contraste com as heranças culturais de uma Inglaterra que exaltava a pompa da era vitoriana. Desde a beleza arquitetônica da universidade de Cambridge até à igreja comum que pode ser encontrada no seu vilarejo. Há de se ressaltar, para Williams (1983), o caráter dinâmico e interacional da cultura, que se constitui na dinâmica da interação que os trabalhadores ingleses produzem enquanto grupo nas suas ações cotidianas.

⁵ Tradução nossa. Do original: At various points in this development two crucial changes occurred: first, a degree of habituation to the metaphor, which made the sense of human tending direct; second, an extension of particular processes to a general process, which the word could abstractly carry. It is of course from the latter development that the independent noun **culture** began its complicated modern history, but the process of change is so intricate, and the latencies of meaning are at times so close, that it is not possible to give any definite date. **Culture** as an independent noun, an abstract process or the product of such a process, is not important before 1C18 and is not common before mC19.

A PERSPECTIVA BRASILEIRA DE CULTURA: UMA CONTRAPOSIÇÃO

Na seção anterior discutimos um conceito de cultura como cultura comum, descrita por Williams (2015) como sendo uma cultura cotidiana, produzida através das atividades materiais de um coletivo. A proposta do autor é justamente demonstrar que existe uma cultura que foge às regras e moldes da cultura hegemônica/elitista e sua forma de se expressar. A cultura comum se apresenta no cotidiano e, por meio dele, se cria e recria.

No entanto, nessa discussão proposta por Williams (2015) sobre cultura comum, há, ainda, espaço para discussões de cultura, quando contextualizadas à realidade brasileira. O binômio entre cultura comum e cultura hegemônica/elitista é um impasse que muitas vezes coloca a cultura comum ou ordinária em um patamar inferior. Mas porque essa diferença entre comum e elitizada? Todas não seriam culturas com expressões diferenciadas por causa dos sujeitos que estão inseridos nela? Sabemos que esta classificação é uma classificação de poder (KUPER, 2002).

O termo cultura erudita está, então, associado às representações ideológicas e artísticas de uma parcela minoritária da sociedade de classes: as elites. E é essa parcela mínima da sociedade que estabelece e impõe as diversas regras do jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 1989). No caso específico da discussão sobre cultura no Brasil, os estudos antropológicos já faziam (fazem) a distinção nítida, por meio de um critério racial, entre as culturas indígena, negra e branca. Ao longo dos anos da história brasileira, a cultura branca, proveniente dos europeus, foi associada à erudição, uma cultura letrada, estabelecendo uma diferença para com as culturas populares, elaboradas sem a necessidade de um conhecimento prévio, sendo assim, o popular estaria associado a algo grosseiro e representaria um elemento simbólico, permitindo aos intelectuais, como afirma Ortiz (1994, p. 161); “tomarem consciência e expressarem a situação periférica da condição do país em que se encontram”.

A cultura negra e indígena seria então comum? Não poderia apenas ser Cultura Negra e Indígena sem recorrer a formulações que descaracterizam essas culturas? A nosso ver, formular grupos, coletivos e afins que seriam mais do cotidiano como sendo comum pode esvaziar os mundos culturais desse cotidiano. Por que não culturas? Um autor brasileiro que discute de forma exímia tal esvaziamento é o político, artista e intelectual negro Abdias do Nascimento (1978).

Em *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978), Abdias do Nascimento nomeia de “Embranquecimento da Cultura Africana”, uma das formas de genocídio do negro brasileiro manifestado pela assimilação cultural e pelo processo de “folclorização” da cultura negra. Nas palavras deste intelectual negro “A assimilação cultural é tão efetiva que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas.” (NASCIMENTO, 1978, p. 94).

Para Abdias (1978), existe uma perseguição constante à cultura africana por causa do seu modo de existir e viver nitidamente diferente da cultura europeia portuguesa:

Não é exagero afirmar-se que desde os inícios da colonização, as culturas africanas são mantidas num verdadeiro estado de sítio. Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, de agressão espiritual a que era submetida a população africana, a começar pelo batismo ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarque ou nos portos brasileiros de desembarque (NASCIMENTO, 1978, p. 101).

Desde cedo esse foi o tratamento que os colonizadores deram à cultura africana, que na realidade não era reconhecida enquanto cultura, mas como superstição ou dita “magia negra”. A sociedade dominante no Brasil praticamente destruiu as populações indígenas que um dia foram majoritárias no país e essa mesma sociedade está às vésperas de completar o esmagamento dos descendentes africanos. As técnicas usadas têm sido diversas, conforme as circunstâncias, variando desde o mero uso das armas, às manipulações indiretas e sutis que uma hora se chama assimilação, outra hora aculturação ou miscigenação; outras vezes é o apelo à unidade nacional, à ação civilizadora (NASCIMENTO, 1978).

GENOCÍDIO CULTURAL: FOSSILIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Esse tratamento à cultura africana e afro-brasileira nos faz refletir sobre como a cultura comum ou popular sofre um procedimento de folclorização, ou seja, suas manifestações culturais são vistas enquanto manifestações de folclore (lendas e mitos). Para Abdias do Nascimento a cultura africana e afro-brasileira:

aos olhos da cultura dominante não passam de curiosidade etnográfica-destituído de significação artística ou ritual. Para se aproximar da "categoria" da "arte sagrada" do ocidente, o artista negro teria de esvaziar sua arte do seu conteúdo africano e seguir os modelos branco-europeus (NASCIMENTO, 1978, p. 116).

Ela só seria reconhecida como cultura ou arte se seguir os moldes brancos, do contrário ela é simplesmente um conjunto de lendas e mitos sem valor cultural de civilização. Se pararmos para pensar um pouco observaremos que as bases do folclore brasileiro são histórias que tem raiz africana e indígena, raramente encontramos algum folclore com raiz europeia. Por que tal artimanha? O próprio Abdias Nascimento nos diz nessa citação acima “o artista negro teria de esvaziar sua arte e conteúdo africano” (NASCIMENTO, 1978, p.116).

Tal artimanha faz parte daquilo que o autor denuncia em todo seu texto, isto é, o extermínio do negro e do indígena e, por esse motivo, críticos formados sob os critérios estranhos da sociedade branca dominante necessitam preliminarmente esvaziá-los de seu valor intrínseco, conseguindo perceber neles somente aquelas características recomendadas pelo etnocentrismo original que os inspira e guia na classificação do que seria "primitivo", "cru", "tosco" ou "arcaico" (NASCIMENTO, 1978, p. 116). No entanto, alguns ainda dirão; mas folclore também é cultura.

Com certeza é, não há como negar isso, contudo é uma cultura *fossilizada*, ou seja, morta, do passado. Segundo Abdias Nascimento (1978), “a cultura africana posta de lado como simples folclore se torna em um instrumento mortal no esquema de imobilização e fossilização dos seus elementos vitais. Uma sutil forma de etnocídio” (NASCIMENTO, 1978, p. 119). Um modo de etnocídio que até hoje prevalece e é pouco notado. Tudo isso faz parte de uma estratégia que também tem seus fins capitalistas e genocidas:

A redução da cultura africana ao status de vazio folclore não revela somente o desprezo ao negro da sociedade vigente, branca como também exhibe a avareza com que essa sociedade explora; afro-brasileiro e sua cultura com intuídos lucrativos. Pois embora a religião e a arte sejam tão ridicularizadas e folclorizadas, elas constituem valiosas e rentáveis mercadorias no comércio turístico. Nesse caminho as manifestações religiosas negras tornam-se "curiosidades" para entreter visitantes brancos. A folclorização dá um passo em frente ao desenvolver outra etapa do tratamento dispensado à cultura afro-brasileira pela sociedade dominante: a sua comercialização (NASCIMENTO, 1978, p. 118).

A cultura africana se torna apenas um objeto exótico de consumo e não é valorizada enquanto uma cultura rica que contribuiu (contribui) e muito para a construção

do Brasil. A folclorização e fossilização da cultura africana sujeitam-na ao exotismo e a tratamentos como se ela fosse um objeto morto que pudesse ser utilizado para pesquisa na hora que bem entender. Uma cultura em que seus sujeitos produtores não são reconhecidos, valorizados e muito menos há a valorização de uma continuidade cultural. Abdias Nascimento (1978), é certo na sua crítica e através de seus assíduos argumentos podemos assim compreender os perigos de uma cultura única e principalmente de terminologias como “cultura comum” ou “cultura popular”, pois estes termos esvaziam uma miríade cultural existente no Brasil.

A COLONIZAÇÃO/COLONIALIDADE DA NARRATIVA CULTURAL

É aqui que consideramos imprescindível a convergência das discussões com os pensamentos Chimamanda Adichie (2009). A autora nos alerta sobre o perigo de uma história única ao nos conduzir por meio de sua fascinante narrativa de contadora de história, relatando os choques culturais que os norte-americanos sofrem ao depararem com uma estudante nigeriana, falante de inglês e ouvinte de música pop americana, por acreditarem em uma história única de África e seus povos, intermediada e *intermediatizada* para “uma história única de catástrofe” (ADICHIE, 2019, p. 17).

É por meio de sua biografia, experienciada no lugar de uma cultura africana, que é múltipla, dinâmica, que Adichie experiencia em diversas instâncias, aquilo que ela nomeia como sendo uma “história única”. Para Adichie (2019)

É impossível falar sobre história única sem falar de poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando penso as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que em tradução livre quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder. O poder é a habilidade não de apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva (ADICHIE, 2019, p. 22-23).

Ao tratar de poder, cultura comum e história única, recorramos a Hall (2018, p. 221), quando ele diz que “os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas” sendo, portanto, os estudos culturais uma alternativa útil para evitar o perigo das histórias únicas.

De acordo com Chimamanda, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história, se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Notem os alertas que esta intelectual negra feminista nos traz; alertas estes que podem guiar análises complexas e dinâmicas acerca das relações culturais. Devemos pensar no perigo, tal como nos ensina Adichie (2019), de uma história e cultura única, pois as duas estão inter-relacionadas, visto que se ouvirmos apenas um lado da história seguiremos e nos conformaremos apenas com essa história, cultura e identidade.

Fomos obrigados durante muito tempo a ouvir apenas este lado, por meio da escravização de corpos negros e indígenas, e através de um sistema educacional que emprega isso constantemente:

O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro- elementar, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinados constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra (NASCIMENTO, 1978, p. 95).

O perigo da história única é uma grande artimanha que invisibiliza outras histórias e culturas que não são contadas e que não tem espaço para isso e quando tem são taxadas como folclore. O que Adichie (2019) nos adverte já era também o que Abdias Nascimento (1978) vinha denunciando: o extermínio de outras histórias e culturas é o extermínio de povos. Deste modo, segundo a intelectual, deveríamos começar

“uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente” (ADICHIE, 2019, p. 23).

Como já apontado, a unicidade na narrativização de histórias e percepções de cultura é um projeto de poder. Na esteira das discussões sobre o poder, observamos o colonialismo que “criou um sistema permanente de signos coloniais (que chamamos de colonialidade) que foram e são responsáveis pela manutenção de um racismo estrutural e

suas formas mais diversas” (NASCIMENTO, 2019, p. 80). Para aprofundar a discussão da relação entre colonialismo e colonialidade, Quijano (2010) nos diz que

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal [...] Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a, Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado. (QUIJANO, 2010, p. 73)

Tomamos como apropriado para nossa discussão o conceito de colonialidade que, em paralelo ao capitalismo, engendra a estrutura social moderna que opera, inclusive, as nossas concepções de cultura. E, embora Quijano (2010) observe e trate a colonialidade como não sendo sistematicamente associada ao racismo, observamos que a operacionalização dessa colonialidade nos estudos da cultura provoca o epistemicídio e conseqüentemente promove o genocídio da população negra brasileira. No caso específico do contexto brasileiro, colonialidade é a uma estrutura de dominação social que se organiza racialmente, logo urge a necessidade de reconfigurar sistematicamente a estrutura de dominação pautada na raça.

Quanto à colonialidade, é relevante entendê-la para então chegarmos ao seu contraponto: a decolonialidade (SANTOS, LOPES e DUTRA, 2020, p. 136). Deste modo, observamos a necessidade de uma perspectiva brasileira de(s)colonial da cultura que tenha por base a equiparação da cultura dos povos indígenas e afro-brasileiros enquanto culturas constitutivas da nossa sociedade. A decolonialidade, segundo Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016), propõe que:

(...) o termo “colonialidade”, já era possível encontrarmos a ideia que gira em torno desse conceito em toda a tradição do pensamento negro. A título de exemplo, podemos encontrar contemporaneamente essa ideia em autores e autoras tais como W. E. B. Du Bois, Oliver Cox, Frantz Fanon, Cedric Robinson, Aimé Césaire, Eric Williams, Angela Davis, Zora Neale Huston, bell hooks etc. Entretanto, a articulação desta ideia – já identificada com o conceito de colonialidade – foi

formulada de maneira explícita por Immanuel Wallerstein (1992). Na sequência, o conceito de Wallerstein foi retomado por Anibal Quijano, que passou a nomeá-lo como colonialidade do poder (COSTA-BERNARDINO; GROSGOQUEL, 2016, p. 17).

Nos questionamos se o termo colonialidade não poderia estar presente também nas/nos intelectuais negras/os brasileiras/os? Não poderíamos ter instaurado uma base para a formulação desse conceito ou até mesmo sua própria concepção? Seria necessário uma incursão mais apurada sobre as bases do pensamento decolonial nas/nos intelectuais negras/os brasileiras/os, algo que não pretendemos fazer aqui, mas fizemos questão de tecer algumas reflexões nesse sentido.

De acordo com Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016), o que é

“central ao projeto político-acadêmico da decolonialidade é o reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder” (COSTA-BERNARDINO; GROSGOQUEL, 2016, p.21).

Partindo disso, é de nosso interesse, portanto, o desafio decolonial de pensar uma perspectiva de estudos da cultura que é principiado pelo projeto de um intelectual negro brasileiro que adota uma postura desde cá, o Brasil, como o lugar possível de pensar as interações culturais.

Abdias do Nascimento (1978), além de inaugurar as primeiras discussões e realizações dramáticas em perspectiva negra, ou seja, o Teatro Experimental do Negro (1944), é também o precursor de denúncias do colonialismo brasileiro impetrado pelo genocídio do povo negro no Brasil. Esse pensador negro elabora uma articulada denúncia de todo o projeto colonial no Brasil e suas consequências sociais/raciais para o povo negro. Abdias do Nascimento (1978) argumenta que a colonização no Brasil está estritamente ligada ao racismo “Desde o início, coincidente com a colonização Europeia do país, fabricam-se e se consomem no Brasil porções de conceitos racistas. E isto enquanto os africanos produziam” (NASCIMENTO, 1978, p. 176).

A postura anticolonial de Abdias do Nascimento se reflete em suas posições em favor dos movimentos anticoloniais que ocorriam no continente Africano entre as décadas de 70-80. E durante suas ações exigia sempre uma postura do governo brasileiro em apoio a esses movimentos:

Este Colóquio recomenda que o Governo Brasileiro concretize sua tão proclamada "amizade" com a África independente e sua tão freqüentemente manifestada posição anticolonialista, dando efetivo apoio diplomático e material aos legítimos movimentos de libertação

nacional de Zimbabwe, Namíbia e África do Sul (NASCIMENTO, 1978, p. 141).

Suas manifestações em favor do anticolonialismo sempre foram públicas. Abdias do Nascimento foi um intelectual e ativista que vivenciou e teorizou sobre a descolonização enfrentando-a e exigindo de seu país, Brasil, posturas anticoloniais. Deste modo, pensamos que as considerações tecidas sobre colonialidade (QUIJANO, 2010) se entrelaçam com as acepções teóricas de Abdias do Nascimento, em seu aspecto de continuidade estrutural da formação europeia imposta ao mundo, criando um sistema-mundo, como já fora apresentado.

Deste modo, o conselho de Chimamanda Adichie (2009 [2019]) no final de sua palestra, é essencial para começarmos a ter um novo olhar sobre outras histórias e culturas que fazem parte da nossa vida e reconhecer o valor cultural/histórico da/o sujeito que está produzindo histórias e culturas, se quisermos saber o que são, por que não perguntar a elas e eles? De acordo com Adichie; “Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (ADICHIE, 2019, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo problematizou o conceito de cultura nos estudos culturais a partir das propostas de Raymond Williams (1985, 2015). Para tanto, partimos das argumentações críticas de Abdias do Nascimento (1978) sobre embranquecimento da Cultura, fossilização e folclorização e aos perigos da própria terminologia utilizada por Williams e de cultura popular como sendo fórmulas de esvaziamento cultural. Em seguida, propusemos o diálogo entre Williams (1983, 2015) e Abdias do Nascimento (1978) com o intuito de (re)discutir o termo cultura e algumas problemáticas correlatas a este conceito utilizado por Williams.

Por fim, adicionamos ao diálogo dos autores supracitados a autora nigeriana e feminista Adichie (2019) que nos alerta contra o perigo da história única. A unicidade na narrativização de histórias e percepções de cultura é um projeto sobre poder. Na esteira das discussões das relações coloniais de poder, observamos o colonialismo. Tomamos como apropriado para nossa discussão o conceito de colonialidade que, em paralelo ao capitalismo, engendra a estrutura social moderna que opera, inclusive, as nossas

concepções de cultura. A narrativa da autora se entrelaça com o conceito dos autores anteriores à medida que defende histórias plurais e culturas plurais. Segundo Chimamanda,

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (ADICHIE, 2018, p. 32)

Para Chimamanda, assim como para Abdias do Nascimento, contar apenas um lado da história tem consequências que até hoje ainda passamos por elas; desumanização e estereotipização de povos que são exterminados por povos que acreditam apenas em um lado da história e por conseguinte, da cultura. Assim como as histórias e muitas histórias importam, as culturas e muitas culturas importam. Entender a necessidade do respeito da diversidade cultural é um grande passo e tratá-las de acordo com o devido reconhecimento e contribuição para a história também, assim como foi a cultura africana para o Brasil, não é um folclore, é história, civilização, memória e contribuição. É como a grande escritora Conceição Evaristo nos diz numa entrevista⁶ dada a Tv Brasil: “Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos”.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Trad. Julia Romeu, Companhia das Letras: São Paulo, 2019.
- COSTA, LAM. Antonio Carlos Nóbrega em acordes e textos armoriais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. *Movimento armorial: do erudito ao popular*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/h4dh8/pdf/costa-9788578791865-05.pdf>. Acessado em: 02 de Janeiro de 2021.
- COSTA-BERNARDINO, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e perspectiva negra*. Revista Sociedade e Estado – Vol. 31; Nº. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>. Acessado em: 15 de março de 2021.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado. In: HALL, S. *Da diáspora Identidades e mediações culturais*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2018.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- KUPER, Adam. 2002. *Cultura, a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC.

⁶ Entrevista dada para a Tv Brasil em 09/06/2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao#:~:text=N%C3%B3s%20n%C3%A3o%20escrevemos%20para%20adormecer,%C3%A0s%2023h30%2C%20na%20TV%20Brasil>. Acessado em 03/01/2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*.

Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

SANTOS, Eric; LOPES, Lucineide; DUTRA, Zilda. *Modernidade Tardia*. In: *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave / Organizadores: Lucineudo Machado Irineu et al;* Campinas: Pontes Editores, 2020

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 73-117.

WILLIAMS, R. *Keywords a vocabulary of culture and society*. Oxford University Press: New York, 1983.

WILLIAMS, R. A cultura é algo comum. In: *Recursos da esperança Cultura, Democracia, Socialismo*. Editora UNESP: São Paulo, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. De José Carlos Bruini. São Paulo, Nova Cultural, 1989 (Os Pensadores).

Data de recebimento: 30/04/2021

Data de aprovação: 10/07/2021